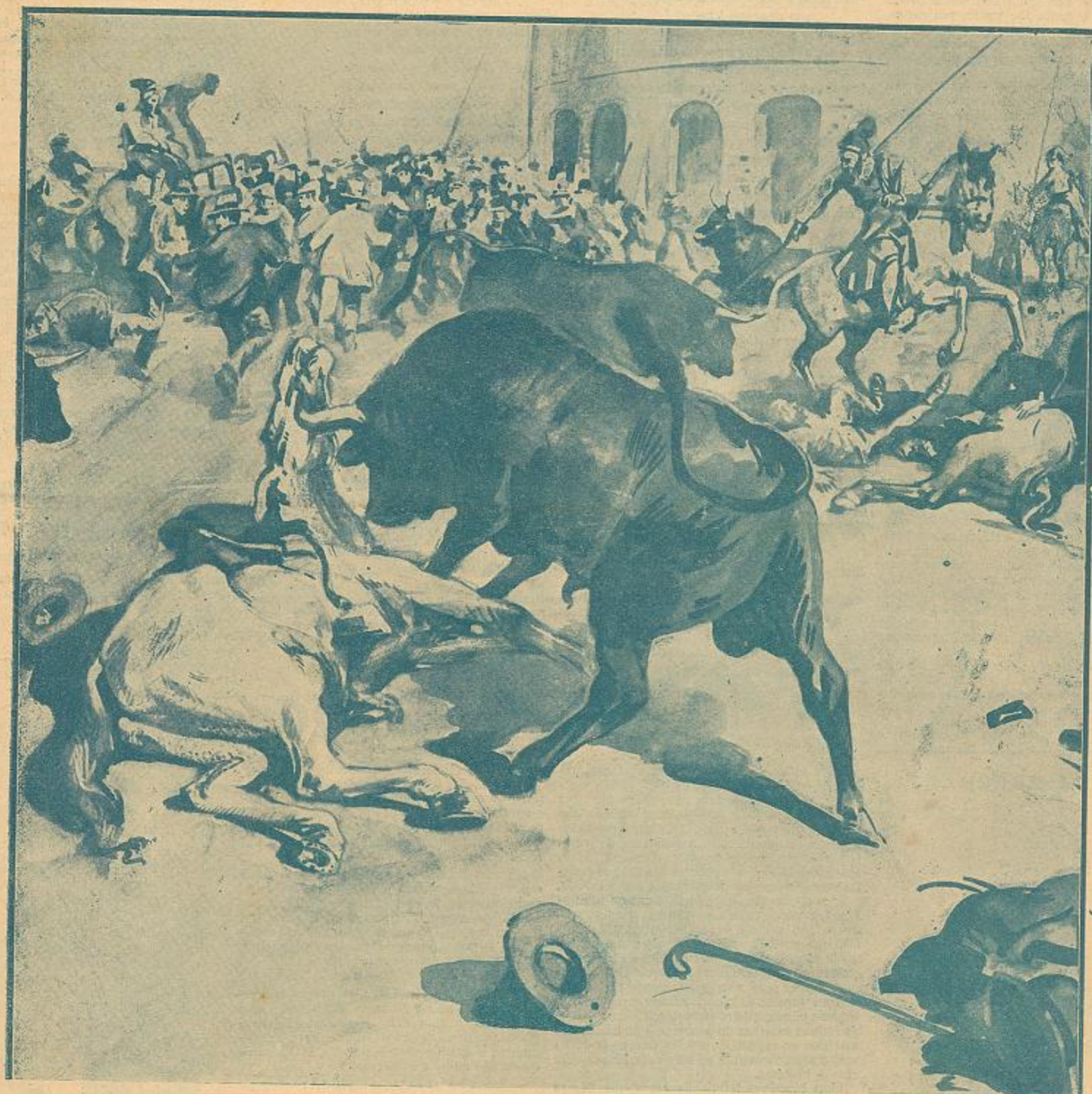
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 88 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A entrada do gado na Moita

Segundo um antigo costume, varios aficionados, com berros e foguetes, tresmalharam os toiros que chegavam para a corrida. Houve "*apenas*„ desta vez, muita gente ferida e alguns cavalos mortos . .

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.o 88

LISBOA 19 DE SETEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O *DOMINGO ilustrado*

DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. – CHEFE DA REDACÇÃO *HENRIQUE ROLDÃO* – EDITOR *JULIO MARQUES*—IMPRESSAO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

A pedido...

A pedido de varias familias, o sr. dr. Alvaro de Castro aceitou o cargo de Alto Comissario em Moçambique. Fez aquilo com um ar muito rogado. Toda a gente lhe pediu, por cartas, por telegramas, por bilhetes, convencida de que o sr. dr. Alvaro de Castro salvaria a Colonia, e ele, por fim, um pouco enjoado, lá disse que sim.

Nós não somos pessimistas. Além disso não conhecemos a cabeça do novo comissario senão por fóra, o que é pouco. Mas, que diabo, a solução dos problemas peores de Moçambique que dependem exclusivamente de se pôr lá um Alto Comissario mais esperto ou mais tolo? Parece que não.

As crises economicas que assoberbam a colonia são principalmente crises dos meios de acção que a metropole lhe pode fornecer. Um homem medianamente esperto e honesto, desde que o governo lhe faculte os meios de agir e sanear os serviços de fomento colonial, põe aquilo a andar. Possue o sr. dr. Alvaro de Castro estas condições elementares?

E' muito provavel. Mas não façamos um novo Messias nem esperemos um novo milagre. O sr. Castro, ou seja quem fôr, mas com uma condição: que o governo da metropole *queira* e *possa* salvar as colonias.

Sonho de uma noite de verão

Essa vergonha sem nome que se exibe ao topo da Rotunda parece, agora que os jornais falam no sonho do parque Eduardo VII, ainda mais miseravel e mais sordida.

Diz a Camara que os cofres do municipio ganham 100 contos com a abertura das imundas barracas. Quanto perderá a cidade no seu prestigio e no seu bom nome?

E' preciso transformar Lisboa, afirma se, arrazar a Mouraria, descrever com o lapis monotono dos engenheiros as avenidas rectilineas, que são a ingenua preocupação do sr. Vicente de Freitas.

Quanto a nós, ha sobretudo que limpar o que está feito.

Lisboa é uma cidade cheia de pitoresco e de porcaria.

No dia em que lhe tiremos a segunda caracteristica não precisamos de transformar a primeira.

Má lingua

OS "HOMES" DAS RAPARIGAS

Com rasão, com verdade, com justiça,
— não porei o elogio a meia adriça
nem pouparei louvores!
O Noticias *porfia na campanha*
de arranjar protecção que lhes convenha
a tantas raparigas sem mentores.
Ao que parece,—(e é mais que parecer
visto que toda a gente o pode ver
em muita casa e muita arteria,)—
a vida de uma pobre rapariga
oscilla entre o calvario da fadiga
e os maus conselhos da miseria.
Salvemos pois as raparigas! Bravo!
É um gesto de fidalgo desaggravo
para a fraqueza da mulher.
Amparada a virtude feminina,
— das garras da torpeza masculina
Salve-se quem puder...
Sómente, ao ler no Diario de Noticias
as frementes e emphaticas primicias
do seu vibrante apostolado,
vi-o advogar o home, *e, (por meu mal*
só penso em portuguez em Portugal...)
fiquei azabumbado!
Um hóme *?! Hom' essa! Em ruas e terreiros*
oiço chamar assim a cavalheiros
de bôa e má reputação.
Todo o que ás leis da lingua se reporte
dirá que se homem *— é o sexo forte,*
hóme *— é uma corrupção.*
Quem não ouviu Amelia Rey Colaço
com aquele subtil desembaraço
em que a sua Arte se consóme,
dizer — tão bem! — certo «Cantar galêgo»
cuja heroina repete com apêgo
dade-me um hóme *! ?*
Porisso o povo, o povo, sem cultura
que artes de polyglota não procure
para obter o que cóme,
ou ha-de chamar "lérias" ou cantigas
á ideia de salvar as raparigas
levando-as para o home ...
A uma dona da Praça da Figueira
que estava a transbordar de uma cadeira,
sentada ao seu balcão,
ouvi hontem fazer, de manhã cêdo,
á freguezinha que a escutava a mêdo
esta sensata observação:
— "Ora, menina! Historias! Salvação,
cada qualquer a tem na sua mão.
Tretas não curam fómes.
E a elles? Quem os salva? Pois não acha
que andam bastantes dellas pela Baixa
causando a perdição de muitos *homes*?" ...
É preciso pôr cobro a essa tolice.
Sim. A campanha é justa. Já o disse
e digo-o outra vez.
Mas essas raparigas a salvar
salvo um ou outro caso singular
entendem portuguez ...
Trabalho, educação, normas moraes,
resguardos e conselhos maternaes,
isso é que é proclamar!
O "home" que fique em Londres para inglezas.
— Ás raparigas portuguezas
não bastaria simplesmente — Um Lar?

TAÇO

questão prévia

Os ultimos bigodes... Ora aqui está um assunto para uma cronica, talvez mesmo uma tese para uma peça em tres actos—disse eu para comigo, num dia em que encontrei, quasi a seguir, três bigodes historicos ou, melhor dizendo, preistoricos, daqueles façanhudos bigodões de ponta e caracol, atavio tão indispensavel aos policias das antigas revistas como o bengalorio possante e a silabada.

E' evidente que, quando digo que os ultimos bigodes dão assunto para uma cronica, não quero referir-me a esses bigoditos charlotescos que por aí se vêem ornando como pequeninas escovas de dentes os labios daqueles senhores homens que não teem a suficiente coragem capilar para usar francamente ou bigode ou cara rapada. O bigode á americana, insignificancia pilosa, cobarde transigencia com ambas as formas externas do problema pilo-labial, não interessa ao registo da cronica, porque já de ha muito aforisticamente se diz que dos fracos não reza a Historia.

Uma bigodeira terminada em croque, dessas poucas que por ai se vêem ainda, pode muitas vezes ocultar, não direi uma tragedia, mas uma grave questão de familia.

Para quem já teve bigode e tem senhora não é segredo que a maior dificuldade que um homem tem de vencer para se apresentar de cara rapada é a relutancia de Madame, que ameaça exercer uma serie infindavel de represalias, se o consorte rapa o bigode:

— Tu verás! Corto o cabelo á escovinha.

Mas um dia o facto dá-se e o marido apresenta-se em casa sem aquele façanhudo ornamento em que a esposa fazia tanto gosto. E' recebido com uma chuva de imprecações:

— Crédo! Nem se pode olhar para ti... Pareces um cocheiro.

Os dias passam e os bigodes permanecem rapados. Madame nem cortou o cabelo á escovinha nem se apeou da tipoia conjugal por antipatisar com o cocheiro. E é ela quem, um dia, ao contemplar um antigo retrato do marido em toda a pujança de carqueja bigodeiral, diz com um suspiro de concordancia:

— Agora até pareces mais novo!...

E a nuvem passou. Lares ha, porem, em que a intransigencia de Madame não permite nem a deslocação dum pêlo. Nesses, a questão é posta por uma forma definitiva. Para experimentar, o marido propõe um dia, assim como quem não quere a coisa:

— Sabes? Vou cortar o bigode...

Madame dá um pulo, de surpreza e furia:

— Quem? Tu? Ah, já sei... Isso deve ser pedido de alguma mulher.

E ninguem a demove, nem a consideração de que entre seis milhões de habitantes seja o marido o unico a usar bigode.

Não, meus amigos, não acuseis de «botas de elastico» os raros homens que ainda hoje deparamos com bigodes passados a ferro e reluzentes de brilhantina. Muitas vezes eles, espiritos eleitos, progressivos, ansiando por praticar a estetica da cara rapada, são pobre vitimas do ciume conjugal, que lhes exige, em holocausto á fidelidade, o uso dum bigode que já se não usa.

Feliciano Santos

ECOS

A pedir chuva

Era uma vez uma povoação que se chamava Cai-Agua, por ignotos mistérios que se escondem nas remotas origens da sua fundação. Era para Cai-Agua que as Sousas iam sempre veranear, ao tempo em que as Pires metiam Estoril... O Sousa nunca foi politico; é coronel do activo. O Pires é revolucionario civil, de nascença. Triunfa a ultima revolução... O trunfo já não é paus, paus de bengala, de bengalões de revolucionarios. Trunfo é espadas, ou oiros, o oiro dos galões... E, êste ano, as Sousas—não sabemos por que milagres estratégicos— subiram em hierarquia veraneante. Tambem já vão para o Estoril...! Cai-Agua era um nome que estava a pedir chuva... A mesma povoação chama-se agora S. Pedro do Estoril.

A casa de Santo Antonio

Santo Antonio, que é, pelo menos, senhor da sua casa, não podia receber visitas. A Camara Municipal entendeu—e muito bem—resolver a favor do taumaturgo esta antipatica questão de inquilinato. Entre purpuras, dalmaticas e opas de cardiais e de colegiada—num ambiente de soneto á Julio Dantas—a egreja de Santo Antonio da Sé, a casa de Santo Antonio, foi ha dias aberta ao publico. Rejubilam os catolicos; amuam os do Registo Civil. O Santo, a imagem rosada e ingenua, continua impassivel, indiferente: é de pau...

No entanto, Lisboa—a que não ouve missa todos os dias nem reza todas as noites, mas usa bentinhos na camisa, a Lisboa ordeira e trabalhadora. sorri enternecida.

Santo Antonio já é senhor da sua casa.. Ganhou a questão com o senhorio!

Pensamento ..

Não compreendo como é que para salvar uma rapariga ainda ha quem se lembre de lhe dar um «home».

Não são acaso os «homes» que as perdem?

NA MERCEARIA

—O' rapaz, puzeste milho no café, terra no arroz, areia na farinha, oleo no azeite?
—Sim, senhor!
—Então, não aceito reclamações.

RECRIMINAÇÕES

—Camarada, você, que é alto, bem podia ter-me avisado quando o balde passou por você!...

Crónica alegre

RESERVADO PARA SENHORAS

EMOCIONANTE ARTIGO EM QUE PERPASSA A GRAÇA DO LAR E A ELEGANCIA FEMININA, NUMA APOTEOSE DE BRIC-A-BRAC, PÓS DE AR E OUTROS PETISCOS.

A mulher, disse-o Frei Bernardo de Brito, faz tanta falta numa casa como uma viola num enterro, porque dá alegria, dá vida e dá sorte, quando o dinheiro não lhe chega para pagar ao homem da agua, ao homem do talho e a outros homens da mesma especie exploradora. Em casa dum homem são sempre precisas, pelo menos, duas mulheres: uma permanente, como as canetas de tinta idem, e outra a dias, para os grandes serviços.

A mulher permanente deve ser, tanto quanto possivel, jovem, formosa, amavel, alegre, modesta no trajar e pouco exigente, ourivesmente falando.

A mulher a dias deverá pertencer á categoria das pesadas, usar chale e lenço e trazer sempre na mão um daqueles cestos de verga, de duas abas, que a novel actriz Carminda Pereira considera indispensaveis para fazer os tipos populares.

Se na casa em que existirem estas duas mulheres houver paz, socêgo e bom gosto, emquanto a mulher a dias puxa lustro aos encerados, a mulher a noites e dias entretem-se a fazer aqueles pequeninos nadas que torna o lar encantador, como seja: pôr o lacinho de organdi azul no cabo da pá do lixo, pirogravar o cabo da vassoura, talhar uma gabardine para a tina de ferro esmaltado.

É a essas fadas do lar, dedicadas obreiras da felicidade, aves pacientes que jamais se cançam de embelezar o ninho, que esta pagina é dedicada.

Aqui encontrarão as boas donas de casa a sugestão simples e economica d'alguns adornos domesticos, com que acrescentar a graça dos respectivos lares. Aqui se lhes fornece tambem um variado sortido de receitas, que respeitam tanto ao bom aproveitamento dos restos do cosido como aos infaliveis meios de tirar nodoas, pôr remendos e praticar outras habilidades caseiras.

ELEGANCIA E CONFORTO NO LAR — ARTE DE REUNIR O INUTIL AO DESAGRADAVEL.

Vossencias devem ter certamente, num canto da sala e vestido com um guarda-pó, um daqueles pianos dantes Erard que torcer, que já tocam as «Rosas» por si e sem se lhes tocar nem com uma flôr.

Pois o detestavel instrumento, que é o espanto das familias e a arrelia das crianças, pode perfeitamente deixar de o ser e com geral aplauso. Para esse efeito começa-se por levar o piano a um dentista, que habilmente e sem dôr lhe extraia as teclas uma por uma. Feito isto, chama-se um moço de fretes, a quem se incumbe de tirar as cordas ao piano, logo que o apanhe distraido. Sem teclas e sem cordas, pode-se-lhe passar uma escala, que o piano não soltará o mais pequeno gemido.

Reduzido a este estado de inofensividade, o piano facilmente consente tudo quanto se queira fazer-lhe e assim aproveita-se para lhe meter dentro um colchão, lençois e uma coberta de damasco, pondo-se tudo num quarto de cama bastante arejado. Quando mal se percata, o piano está transformado numa cama D. João V.

Estou vendo já Vossencias todas desgostosas porque num dia de anos não teem o pianinho para animar a *soirée*. Ora, valha-nos Deus! Eu nunca poderia esquecer-me de que um dia de anos sem piano é o mesmo que um piano sem dia de anos. Felizmente não nos faltam recursos, e como tivemos o cuidado de guardar as teclas e as cordas, basta só aplica-las á cama D. João V para tudo ficar arranjado. O que é preciso é não nos esquecermos de tirar o

colchão, os lençois e a colcha, que abafariam a «Rita e o Manecas».

OS PEQUENOS NADAS QUE SÃO GRANDES TUDOS

As aves são a alegria duma casa. Ora nem toda a gente dispõe do preciso para comprar um canario. Que fazer, para obter um destes canóros volateis em boas condições de preço?

E' facilimo! Basta adquirir um pintasilgo e pinta-lo com «Ripolin» amarelo. Ao fim dum certo tempo o pintasilgo já está tão habituado a ser canario, que se alguem lhe disser o contrario é capaz de lhe mandar duas testemunhas.

Já atraz falei dos laços. Dão numa casa uma felicissima nota de côr, de elegancia e bom gosto. Ha quem os ponha na chave da porta da rua e quem os use até na corrente do autoclismo.

Ha senhoras que os põe aos gatos, aos cães, aos maridos, etc., etc.

Outra nota interessante numa casa são as porcelanas, faianças e cristais. Tudo isto se pode conseguir com pouco dispendio, comprando barro e vidro e chamando-lhe nomes. Assim, ao canto do salão ficava muito bem uma talha da India. O mais pratico e o mais economico para conseguir este efeito é adquirir uma talha vidrada, tirar-lhe a torneira e envolve-la num *manton* de Manila. A dez passos de distancia é tão parecida com uma talha da India, que só lhe falta falar.

Outra sugestão: para *naperons* o mais economico são as fraldas de camisa, com buraquinhos de cloreto. Ao longe não se distingue se é renda inglesa ou bordado da Madeira.

A BELEZA FISICA — CUIDADOS INTIMOS.

Toda a senhora que se preza cuida a sua beleza ou pelo menos cuida que a tem.

Permito-me dar a Vossencias algumas sugestões, que estou certo lhes hão-de aproveitar.

Para alongar os olhos não ha nada como um bom binoculo prismatico.

Os labios todos vermelhos começam a passar de moda. O grande furor nas praias francêsas, presentemente, são os labios ás riscas vermelhas e brancas, como os toldos e as barracas.

Para as unhas quebradas ha um remedio infalivel: é meter a unha em cola. Se pega, pega, se não pega, é graça.

O melhor que ha para se não verem os pelos das pernas é não os mostrar.

O pó de arroz fez o seu tempo. As elegantes francesas lançaram agora a moda de pó de macarronête, que é mais alimenticio.

CONSELHOS UTEIS A TODAS AS SENHORAS.

Para se tirar, sem dôr, uma nodoa de gordura dum vestido de crépe da China procede-se pela forma seguinte:

Enche-se uma seringa com uma mistura de clorêto de ethil, 5 decigramas, clorohidrato de cocaina, 1 centigrama, cloroformio, 4 decigramas, alcool puro, 10 gramas. Injecta-se o tecido com esta mistura, no sitio da nodoa. Depois, com uma tesoura aguçada, corta-se o crépe da China pela orla da nodoa, que desta forma sai toda e sem dôr, visto o vestido estar anestesiado.

Outro conselho: a unica maneira de evitar que as flanelas encolham ao lavar é deixa-las sujas até á consumação dos seculos.

UM POUCO DE COPA E CULINARIA.

Não ha nada mais facil que fazer bôlo pôdre.

Tomam-se 250 gramas de farinha, outros tantos de amendoa pisada, seis gemas de ovos, tres chavenas de leite e meio quilo de auçcar. Depois de se ter tomado isto tudo, parece que se deveria ficar empanturrado, mas não, fica-se apenas preparado para fazer um bolo que depois de cosido se põe num armario, onde se deixa apodrecer.

É preciso tomar todo o cuidado em que não haja ratos no armario, porque podem comer o bôlo pôdre, que desta forma nunca o chegará a ser.

— Para se fazer um, *beef á* portuguesa, pega-se num inglês, põe-se a deitar

morteiros, a dar vivas, a fazer discursos e revoluções, e serve-se ainda quente do entusiasmo.

XISTO JUNIOR

ABUNDANCIA

—E' o decimo chapeu desde o principio do mez—e ha em diga que as mulheres não têm cabeça!...

Curiosidades

PREVIDENCIA

Na Colombia britânica há um grande rochedo, que forma uma especie de aboboda sôbre uma estrada. Esse rochedo que é, sem duvida, uma das mais curiosas particularidades da região e da passagem, ameaça ruina. Para não o deitarem abaixo e para evitarem qualquer catástrofe, os ingleses adaptaram-lhe uma campainha electrica de alarme e um sismógrafo, que regista qualquer estremeção do solo em que êle assenta. E' um cúmulo de previdencia!

UMA AMERICANICE E UMA PORTUGUESICE

No mês passado, um americano, de passagem em Paris, meteu-se num trem de praça, da Praça Vendôme, e mandou bater para... Biarritz. Calcula-se o espanto do cocheiro. Mas como era um solteirão, sem ter que dar satisfações a ninguem, aceitou a proposta. Como o taximetro do carro não chegaria para marcar todos os quilometros percorridos, combinou um preço certo. E no dia 8 dêste mês, o americano, o cocheiro e a tipoia chegaram ao seu destino. Um nosso colega da tarde conta que, há um século, um fidalgo português, indo pela Rua Augusta, no seu coche, mandou o cocheiro seguir... para Roma. O servo, que já conhecia as excentricidades do amo, preguntou apenas: — «*Isso fica para os lados de Belem ou do Poço do Bispo.*» — «*Para o Poço do Bispo.*» — E lá foram... E lá chegaram!

UTILIDADE DUM BARCO ABANDONADO

Em Outubro de 1923 a goleta norte-americana «Governor Parro» foi abandonada pela tripulação, durante uma horrivel tormenta.

Durante mais de um ano, os restos do navio flutuaram sobre o oceano, servindo como indicador para a verificação da velocidade e direcção das correntes maritimas, visto que, percorrendo milhares de milhas desde que foi abandonada, a nave foi ocupando sucessivas posições, sempre registadas pelos grandes navios que lhe passavam perto. Reunidos todos esses dados, puderam as autoridades maritimas corrigir os seus mapas.

PLANTAS QUE TOSSEM

Conhecem-se plantas carnivoras que chegam a comer ratas. Conhecem-se flores risonhas e flores choronas, mas, a darmos crédito a um magazine scientífico americano, há plantas com tosse. A planta com tosse floresce nos países tropicais e o seu fruto assemelha-se a uma fava vulgar. Tem o horror das poeiras e logo que uma pitadinha de pó cai sôbre as suas folhas, os orgãos respiratórios destas enchem-se dum gaz, incham e acabam por expulsar o pó, com um pequeno ruido explosivo, que lembra a tosse duma criança constipada.

O SOL, GRANDE MÉDICO

NÃO se abre agora um «magazine» sem que se nos deparem fotografias alegres de banhistas, com trajos muito sucintos, deitados sôbre a areia doirada, sob a carícia doirada do Sol. Das praias elegantes da França e da Espanha ás areias americanas — a areia dos americanos! — que extensa fita risonha e saudavel: cabelos ao léu, corpos esbeltos e moços, bôcas a rir, olhos a sorrir...! E são os mil desportos da praia — o «Yachting» o «Water-polo», as regatas, os campeonatos de natação — a servirem de pretexto para aquele fugídio regresso á primitiva indumentária dos nossos primeiros antepassados. E tem-se a impressão de que entre a mocidade de hoje, mocidade de cabelos á «*Garçonne*», de modos livres e resolutos, e a juventude do fim do século, a das meninas do Passeio Publico e dos poetas gadelhudos, há um abismo cavado por tôdas as incompatibilidades e antipatias que nascem entre individuos de caracteres exageradamente pessoais, exclusivistas, excessivos.

Apesar dos tóxicos, alcaloides e estupefacientes, a mocidade de hoje é mais saudável. E para que o seja, bastará o facto de os rapazes e raparigas já não terem horror ao Sol, o grande médico. Mas agora que o Sol está na ordem do dia, vejamos como lhe foi atribuido o seu papel terapeutico.

A influência da luz sôbre os seres e sôbre as plantas é flagrante. Pessoas e animais, plantas simples ou complexas—toda a natureza, numa palavra, tendem, instintivamente, para a luz. Não há flores que parecem seguir, com movimentos metódicos, o curso do Sol, e fecham as petalas quando êle se põe, para as abrir quando êle renasce? Quando se coloca uma planta junto duma janela, não tem ela a irresistivel tentação da luz e não se inclina para o lado donde a recebe, deixando de crescer verticalmente? Durante muito tempo, porém, ninguem vira na luz natural, na luz do Sol, mais do que uma boa companheira do homem. Só há uns vinte anos é que se viu nela um médico, um salvador. Foi há pouco mais de vinte anos que o celebre professor Duclaux, apoiando-se em factos e em observações, poude dizer, com tôda a sua autoridade, que «*a luz solar é o agente de saneamento mais universal, mais economico e mais activo a que pode recorrer a higiêne pública ou privada*». De facto, o Sol é o maior assassino de micróbios. Tôdas as experiêndias provam que a acção do Sol sôbre os bacilos é identica à dum espanador sôbre os moveis poeirentos. No lago de Staruberg, perto de Munich, realizou-se uma experiência decisiva: foram colocadas, num belo dia de setembro, dentro do lago, umas caixas de gelatina com culturas microbianas. Depois de estarem debaixo de agua durante quatro horas e meia, constatou-se que a esterilização — a destruição de todos os organismos vivos — era completa a $1^{m},60$ de profundidade e ainda se exercia, parcialmente, até 3 metros.

Em 1898, um médico de Paris, o doutor Chatelain, fez as suas primeiras tentativas de «fototerapia» ou tratamento pela luz.

Em 1900, Flammarion realizou uma experiência que fez dar um passo decisivo ao tratamento pela luz. Expôs á luz do Sol, dentro de recipientes de vidro de várias cores, exemplares duma mesma planta, e viu que cada um dos exemplares sofria uma influência especial: um mudava de aspecto, outro enfraquecia, outro rebentava mais depressa, etc. Já não eram só efeitos da luz, mas da *côr* da luz. Abriram-se os primeiros horizontes sôbre a *cromofototerapia* ou tratamento pela luz colorida. Apurou-se que a luz *azul* produzia sôbre os tecidos vivos uma acção calmante, tão nítida que basta para insensibilizar um doente e permitir que se executem pequenas operações, como a extracção dum dente sem sofrimento, como se se tivesse dado ao paciente uma injecção de cocaina. A luz *verde* não tem uma acção tão decisiva, mas a sua aplicação acalma as comichões e erupções. A luz *vermelha* é antiseptica; ajuda e facilita a cicatrização das feridas. De resto, já desde a mais remota antiguidade que os japonezes curavam os bexigosos enclausurando-os em compartimentos onde a luz era filtrada atravez de vidros ou cortinas vermelhas, e ainda hoje os médicos não desdenham desse tratamento, em doenças do genero.

A luz *violeta* suspende o desenvolvimento das plantas, mas acalma as inflamações. A luz *amarela*, que é a verdadeira luz, possui em menor grau as qualidades de todas estas luzes coloridas que, seja dito de passagem, nada teem que ver com os elementos da decomposição da luz solar pelo prisma.

Os *banhos de luz* e as estações balneares de luz nasceram, naturalmente, de todas estas observações. Ao principio, foram só aplicados a crianças, mas depois tentaram os adultos, pelo seu lado comodo e economico.

Pouco a pouco, os doentes habituam-se e até apreciam o novo processo terapeutico, de explendido efeito sobre muitas doenças que tinham resistido a outros tratamentos. Tambem ha tratamentos, quasi sempre muito longos, pela luz quente e pela luz fria, obtidos artificialmente, de forma a que se possa dosear e medir a luz recebida pelo paciente, o que não é facil de conseguir com a luz natural. Os americanos abusaram um pouco da *fototerapia* e viram nela a panacêa universal. O reumatismo, as nevralgias, a obesidade, a anemia, o esgotamento nervoso, não resistiam á acção da luz. A propria tuberculose pulmonar se curava pela luz! E' claro que isto era cair num exagero, exagero hoje repudiado, mas de que a edenica frescura dos trajos de banho, nas elegantes praias da America, é porventura ainda um vestigio.

UM LACONISMO MESQUINHO

O falecimento do principe Victor Bonaparte coincidiu, só com a diferença de dois dias, com o aniversario da morte do fundador da dinastia napoleonica, ocorrida a 5 de maio de 1821. E' curioso recordar a maneira como o celebre Almanaque de Gotha registou, na epoca oportuna, a morte do grande imperador que fizera tremer a Europa inteira. Na lista dos acontecimentos ocorridos durante o ano de 1821, no seio das familias reinantes ou destronadas, veem, muito lacónicas, as seguintes palavras: «5 de Maio—A duqueza de Parma fica viuva.»

A duqueza de Parma era a ex-imperatriz Maria Luisa. E assim a palavra Napoleão não figura no almanaque...

CONTRACTOS AMERICANOS

O grande actor francês Sacha Guitry e sua mulher, a actris Ivonne Printemps, vão dar uma série de representações á America. Receberão, pelo contracto que assinaram, 25.000 dolares por semana, qualquer coisa como 500 contos portugueses. Há tres quartos de século, apenas, é que a America passou a ser o El-Dorado das celebridades mundiais, oferecendo-lhes vantajosíssimos contractos. A célebre cantora Jenny Lind foi a primeira que fez fortuna nos Estados Unidos no ano de 1850; ganhou dois milhões de francos em quatro meses, o que era uma cousa espantosa, na época em que maiores artistas da Opera ganhavam 50.000 francos por ano. Sarah Bernhardt ganhou quantias loucas; recebia 5.000 francos por noite. Mas a Duse venceu-a, porque lhe pagaram 625.000 francos por 50 representações. Caruso ganhava, em Nova-York, uma média de 1.200.000 francos por ano. Padevenski nunca trazia menos de um milhão de cada *tournée*, e Kubelick não lhe ficava atraz.

UM ACHADO PRECIOSO

Em Budapest há um Museu—Este Asiático, cujas ricas colecções se devem, na sua maioria, a ofertas do rico arqueólogo Ferenez Hopp. Os tesouros do Museu ainda não estão todos catalogados, encarregando-se dêsse trabalho o seu director, o notável sanscritólogo professor Fabri. Este, ao examinar uma pequena estatua representando a Deusa Lakmi, descobriu, dentro dela, uma caixinha, cuja existência não soube explicar. Procurando uma explicação satisfatória, examinou outras estatuas do Museu e encontrou dentro duma Buda outra caixinha, contendo uma placa de prata com uma inscrição. Examinando melhor a mesma estatua, encontrou varios esconderijos, onde estavam quatro formosos brilhantes, três pedras preciosas, três placas de oiro massiço, três dados de prata e ainda outros objectos. Trata-se de ofertas de fieis, o que é confirmado pelo exame de outras estatuas, onde se encontraram moedas de oiro e prata. Atribui se grande valor scientifico aos achados do professor Fabri.

TEATROS

Tereza Gomes

Tereza Gomes, que como caracteristica e caricata é um nome feito no teatro popular, realiza na proxima semana a sua festa artistica no Maria Vitoria, onde ultimamente tem evidenciado os seus meritos artisticos.

CARTAS DE UM COMEDIANTE

O Teatro contemporaneo e os seus heroes

O Teatro d'*après guerre* relegou para um plano inferior o galã classico, o heroe romantico, sonhador, que o vulgo denomina de «licodoce». Como no torvelinho da vida pratica de hoje em dia, em que sossobra o idealista, o sentimental, esmagado pelo *business-man*. Os heroes de Bernstein — que teem coração de menos e algibeiras a mais — os heroes dos Méré, dos Kistemaeker dos Frondaie resolvem as situações dificeis á força do dinheiro e não á custa de abnegações.

O Dinheiro vence o Amor!

O tipo masculino em moda n'esse *teatro da epoca* é o galã outonal, sem pieguices. E a *ingenua* cedeu o logar á *garçonne*. Os *cinicos* de anos atraz são agora os triunfadores. E' a esses que o autor moderno confia o desfazer da meada, o *denouement* que é plausivel, que o publico aceita, porque ele só confere a palma da victoria ao tipo americanado, frio, insensivel que faça *box* em vez de versos.

Reflexos dos tempos que correm, de vida intensa, utilitaria, em que o Dinheiro triunfa insolentemente.

Georges de Wissant sustenta a tese de que «O Teatro é dominado pela evolução dos costumes ao invez de serem determinados ou influenciados pelo Teatro».

A verdade é que o *galã amoroso* e a *ingenua* tranças caidas são, no teatro de hoje, tipos quasi ridiculos. Pelo menos, os dramaturgos tratam-nos muito mal.

Triunfa hoje a alta comedia com as personagens trocadas.

Há escritores libertos, acima da medonha luta de interesses. Os Jean Jacques Bernard, os Sarment, os Vialar, os Géraldy . . . que reagem tenazmente, fascinados pela Beleza, e que se demoram, intangiveis. Mas esses — diz o publico, alam-se para um mundo irreal não são verdadeiros, fazem Poesia . . .

CARLOS ABREU

Ainda e sempre o Nacional

ENCONTREI o meu amigo dramaturgo á porta do Café e ainda eu não tinha tido tempo de proferir aquela fraze: Ai que lá perdi uma corôa, quando elle me disparou á queima roupa:

— Jé viste as bases?

— Que bases?

— As do concurso.

— Das Quadras Populares ou das Terras de Portugal?

— Não, menino, as bases para o concurso do Teatro Nacional.

— Ah! essas não vi.

— Pois vaes ver.

E obrigando-me a sentar a uma das mezas, sacou da algibeira o *Diario de Noticias*, pediu dois cafés, um copo d'agua com uma pedra de gelo e começou:

— Como tu sabes, d'estes assumptos do Teatro Nacional há só trez pessôas que entendem alguma coisa: eu, o Ignacio já falecido, e o Antonio Enes que fez a primeira reforma e que tambem já morreu.

— Ora, mas isso é que elles não querem ouvir,

Entretanto eu tinha passado a vista pelo jornal e começara lendo as bases do concurso.

— Como vês, continuou o meu amigo, isso é uma coisa a que podemos chamar o Concurso Fantasma.

— Mas vêjo porquê.

— Primeiro que tudo observa-me este pedacinho d'ouro: " *O elenco eferecido deverá ser acompanhado de documentos assignados pelos artistas com a clausura penal de 5.000$00 escudos para cada um, para o caso de falta ao compromisso assignado.*

— E então?

— E então, terá o proponente que organisar não uma companhia de artistas que esses geralmente não tem cinco reis, mas uma companhia de capitalistas, o que daria pouco mais ou menos este elenco, 1º actor caractiristico, José Henrique Totta, galã dramatico, Fonseca, Santos & Viana, centro comico, Pancada a Moraes . . .

— Estás a fazer espirito, interrompi eu.

— É possivel, concordou o meu camarada, eu és vezes faço espirito sem dar por isso, mas ha melhor. Ora lê aqui mais abaixo: *O signatario da proposta deverá desde logo satisfazer ao determinado no § 1.º do artigo 4.º do decreto 10.573, etc. etc.*

— Mas isso o que quer, dizer?

— Não sabes? . . . Olha, pergunta ao Luiz Ruas.

— Isto quer dizer que o signatario tem logo que arranjar um fiador para 200 ou 300 contos e cá tens outra vez que apelar para os banqueiros e ficar á espera que concorram ao nosso primeiro teatro o Henri Burnay, o Banco Ultramarino ou a Caixa Geral de Depositos.

— Mas é justo que quem fôr para o Nacional seja obrigado a dar as mesmas garantias qne os emprezarios dos outros teatros são obrigados a dar.

— Pois sim, menino, mas ainda isto não é tudo. Repara por exemplo aqui para a condição oitava.

— Cá estou a reparar.

— Pois, menino, não era preciso mais nada para tornar inviavel a exploração do Almeida Garrett.

— Não compreendo porquê.

— Mas eu explico. O numero oito diz o seguinte: «*Fazer representar pelo menos duas peças originaes portuguezas, novas, de trez ou mais actos, á sua escolha cuja indicação do titulo, e auctor deverá constar da respectiva proposta.*»

— E então?

— E então, quem fôr para lá escolhe duas peças das 98 que estão á espera de ser representadas e que são todas melhores umas do que as outras, e não é preciso mais nada do que os 96 auctores que ficam de fóra para não deixar caminhar aquilo lá dentro. Metem-se no Martinho a conspirar, vão tossir para a *premiere* voltam para o Martinho a fazer a critica e ás duas por trez, ou o concessionario está maluco ou o fiador está falido.

— Mas d'essa maneira não ha possibilidade de termos um teatro Nacional.

— Há sim, meu filho.

— Mas como?

— Duma maneira muito simples. Fazendo representar as minhas peças, que são, dou-te a minha palavra d'honra, as malhores que até hoje se têm escripto.

Bateu as palmas (uma coisa que a elle, nunca fizeram) e depois de pagar os cafés ainda me disse, batendo-me no hombro.

— Isto, meu filho quem sabe, sabe.

LINO FERREIRA

NA CURIA

O ilustre violinista Almeida Cruz, que dá o nome á orquestra sob a sua regencia, no Palace Hotel da Curia.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Uma novela da minha vida

Uma noite em Madrid

POR

HOMEM QUE PASSA

COM a queda de Sidonio Pais em dezembro de 918 e a baralhada politica que se seguiu á morte do ditador, nasceu em Portugal o «papão bolchevista».

Especie de temor inchado á superficie da enorme massa operaria—mas divorciado dela por tantas logicas razões fundamentais — o nosso bolchevismo foi uma parodia em fasciculos á grande tragedia russa. Não teve o idealismo precursor da semana de Barcelona. Não teve a conquista experimental dos soviets italianos. Não foi sequer anarquista como os eternos falsos estudantes magros dos «boulevards», nem foi seco e intransigente como os deputados mineiros de Inglaterra.

Nasceu numa padaria lisboeta ali á Cova da Moura, e foi rufia e bombista alfacinha na Calçada do Combro, com muita miseria pelo meio e algum cadastro por roubo.

Ora foi nesse instante que ele nasceu e em que toda a Europa burgueza, estremecendo sob os telegramas victoriosos de Lenine e debruçando-se anciosa sobre o espelho de Paris, guardava as pratas no Montepio, que eu parti para a minha excursão — meio touriste, meio pintor—nas terras da Andaluzia...

* * *

Comecei por Badajoz, onde só vão portugueses para ver touradas de morte.

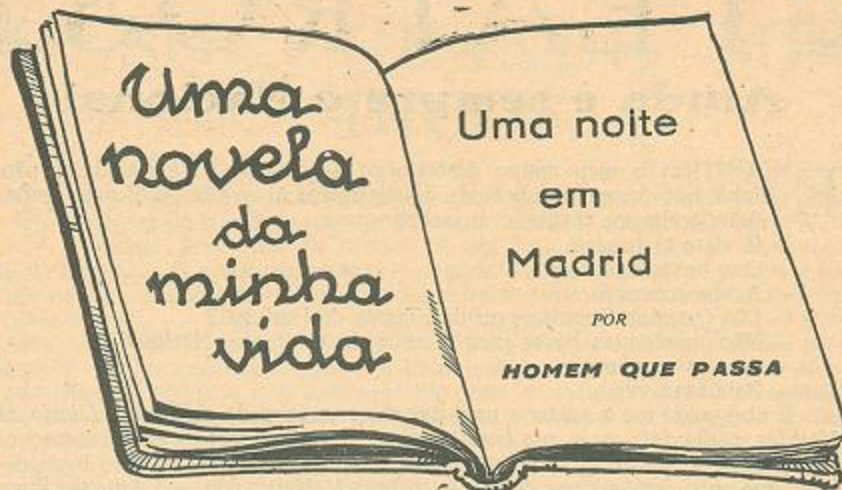
Penetrei no velho burgo, numa tarde parda de novembro, com a terra humida das primeiras chuvas e uma luz muito fina e azulada a amaciar as casas caiadas.

Não esqueço mais o quadro dos portugueses emigrados na sala de jantar do pequeno hotel onde me hospedei — desde os bigodes formidaveis do Ruy Chianca á elegancia dum Frois — envolvidos todos naquele protector e quente olhar que as mulheres desde sempre têm tido para os revolucionarios e para os exilados politicos.

Passei dois dias duma paz infinita na «fonda» tranquila. Havia á esquerda uma egreja escura, de velha arcaria românica, acolhedora nas suas linhas pobres. Um lagedo enorme conduzia á porta. Nas duas tardes, á mesma hora, uma figura de negro, fina e alta, a cabeça numa mancha de tule negro, passou sobre o lagedo.

E, na terceira tarde, á mesma hora, emquanto eu pintava um cartão, a arcaria velha, essa figura fina e alta veio ver, falar de mil coisas simples, num castiço cerrado, e ficámos conhecidos, eu e Carmencita...

* * *

Foi um mez delicioso de vida errante e barbara, pelos burgos, pelas aldeias e pelas vilas da mais linda provincia de Espanha. De automovel, de comboio, algumas vezes a pé, ia ficando ao acaso da excursão, onde alguma coisa de pitoresco me detinha. As velhas torres de Santa Maria de Merida, as mesquitas agora transformadas nas capelas cristãs de tantas aldeias, as «Plazas Majores» de sólos tristes e sonolentos — todos ficaram nos meus cartões de «retratista»...

Uma tarde, porem, o comboio de Sevilha deixou-me numa gare rica. Um trem conduziu-me por uma larga avenida nova, nova-rica. Estava em Cordova. Ia começar aqui um involuntario capitulo de novela.

... e ficamos conhecidos, eu e Carmencita.

* * *

Na noite da tarde em que eu cheguei a Cordova houve um atentado que impressionou vivamente a imprensa e a opinião publica espanholas.

Havia sido inaugurado na vespera, no cemiterio, um monumento funebre a determinada individualidade politica que, ao que parece, em vida perseguira as associações de operarios e as camaras sindicais.

A cerimonia funebre e a trasladação do corpo revestira o caracter duma manifestação das forças burguesas. Um comicio de protesto onde falaram os socialistas foi dissolvido á pancadaria pela guarda civil.

Toda a imprensa local registara o facto em parangonas fortes e dois jornais do governo viam nessa manifestação a intervenção de operarios bolchevistas portugueses. Pois o monumento funebre foi, nessa mesma noite, assaltado e destruido. A estátua, que era uma obra magnifica de Mateu Inurria — o grande escultor fôra decepada á marreta e desfigurada a golpes brutais de picareta. Era tudo um monte de estilhaços. No meio das imprecações gerais os jornais voltavam a falar em portugueses.

Nessa altura nós passámos por ser em Espanha a edição latina mais avançada das teorias da emancipação russa, e os nossos pobres revolucionarios dos Terramotos e da Fonte Santa eram tidos por terriveis chefes propagandistas, capazes de levantarem com os seus discursos um mundo de operarios.

* * *

Ao transpor a porta do hotel a que a tipoia me conduzia, a minha entrada foi notada. Eu trazia os apetrechos de pintura, um largo feltro negro sobre os olhos e umas botas altas, como usam nas largas caminhadas os nossos saloios dos arrabaldes.

Fiz sensação. Ao deixar o meu nome de português no registo de entradas e a rubrica laconica de «artista», vi que olhares inquietos me analisavam e que o dono da casa passou de largo, com respeito ou receio da minha bagagem pacata. Os creados sumiram-se rapidos e com uma amabilidade febril, e ao jantar, ao cair-me ao chão um prato, toda a sala se voltou para a minha meza, sobresaltada, como se uma bomba tivesse rebentado. Os meus mais timidos desejos eram ordens. Senti o prazer grato de ver medo em torno de mim...

* * *

Eu tinha pedido aposentos para oito dias. Mas no dia seguinte, tendo passado toda a manhã fria debicando os mosaicos da mesquita, ao chegar a casa um telegrama chamava-me a Madrid.

... dois guardas embargam-me o passo.

Maior espanto e maior misterio a minha partida despertou.

Quem era este português de tão extranha indumentaria e tão misteriosa bagagem, que estivera em Cordova na noite precisa do atentado, e tendo encomendado aposentos para oito dias partia horas depois, com o seu aparelho de misterio, sem se saber donde vinha nem para onde ia?

Sob o rodar do meu trem ficou no ar uma nuvem de interrogações.

* * *

Quando tomei o rapido de Sevilha era noite cerrada. Na meia escuridão da minha carruagem distingui pouca gente. Havia dois vultos negros de senhoras, que dormiam sob as escuras «toques» de viagem; um padre oleoso rezava um breviario no angulo do compartimento.

Eu adormeci até ao alvorecer da manhã em Talavera.

Quando acordei ia na minha frente um sorriso conhecido.

Era Carmencita...

—V. aqui?

—Onde vai?

—A Madrid. E você?

—A Madrid tambem. Meu pae está doente e vamos trata-lo.

«Deixámos a casa de Badajoz ha dias. E' oficial chefe da guarda civil e está no hospital militar. E então tem pintado? Deixe ver!

E todo esse resto de manhã foi para mostrar, ante o sorriso claro de Carmencita, a minha colecção de cartões de aguarela...

* * *

Vem agora a novela, fulminante e imprevista.

Ao saltar na gare de Atocha dois guarda embargam-me o passo:

—Donde vem?

—De Cordova?

—De Cordova!

—Otimo. Diz-se artista e português, não é verdade?

—E' certo.

—Queira acompanhar-nos ao posto está preso.

—Preso?

Um repelão tirou-me a bagagem. Dois encontrões tinham-me colocado num gabinete pequeno, em frente dum homem de oculos azues, que me fez um interrogatorio em forma. Protesto. Pela porta entre-aberta vejo o olhar espantado de Carmencita.

Aceno-lhe. Digo-lhe o equivoco que me tem ali retido. Ela diz-me adeus e promete fazer tudo para me libertar. Volto a ser interrogado.

Digo que tenho fome. As horas passam. Dão-me uma marmita de rancho. Pela vidraça da minha prisão improvisada vejo tombar a tarde doirada e ouço sinos. Telefona-se em vão para a legação portuguêsa. O sr. Vasco Quevedo está fora. Estão todos fóra, só eu ali fico dentro, sem esperança alguma. Assoma um jornalista.

—Es usted el auctor del crimen de Cordova?

Só então sei porque me detêm. Protestei num berro. Mandaram-me ca-

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8)

UMA NOVELA TERMAL COMPLETA . . .

UMA CURIOSA CURA NA CURIA

Graça sadia, critica ironica e comentario oportuno. Leia esta novela se quere passar uns momentos bem disposto.

O meu amigo Inocencio Calado, que ha muito não via, procurou-me ontem para me participar que tinha chegado a Lisboa de regresso da sua cura d'aguas.

Fiquei pasmado porque sempre conheci o Inocencio contrario a esses tratamentos aquaticos. Para ele as aguas eram todas eguais, salvo as unicas excepções das aguas de Colonia e de Carabaña.

Por isso, repito, extranhei a inesperada noticia e procurei saber o que o levara a mudar tão repentinamente de opinião.

Ora foi o caso que o Inocencio, acerrimo defensor da pureza impecavel das aguas do Alviela, começou ultimamente a duvidar da justiça de tal conceito.

E com razão. O infeliz, a principio ainda teimoso na sua admiração, viu-se por vezes obrigado a beber uma especie de acido fénico, uma verdadeira droga que, pelo sabor, dava a impressão perfeita de ter vindo directamente de qualquer cano de esgoto desinfectado a cloreto.

O meu amigo ainda protestou energica, mas inutilmente, mandou cartas para os jornais em prosa violentamente eriçada de indignações e depois de—não menos inutilmente—ter mandado filtrar, ferver, perfumar a maldita droga, tentou por fim disfarçar-lhe o terrivel sabor, tomando-a mascarada com limão e assucar. Mas a combinação ainda era mais insuportavel e o desgraçado tinha a impressão de que bebia um purgante a todas as refeições.

Renunciou por fim á sua admiração, áquele fanatismo aquatico pelas aguas da Companhia e começou a usar das varias aguas que lhe apareciam, do Luso, de Caneças, dos varios Castelos—com vide e sem vide—de Vidago, das Pedras e estava, já decidido, na falta destas, a enveredar pela agua ardente, quando lhe apareceu a de Vale de Cavalos. Mas no fim d'alguns mezes de extincção da sede de toda a numerosa familia, pelo processo das aguas de mesa, começou a ver que se não travasse a despesa diaria com as aguas de Vale de Cavalos, dava dentro em pouco com os burrinhos n'agua.

O seu desespero então explodiu contra os causadores da sua ruina e bradava para a esposa—a D. Cecilia—aterrada pela sua colera:

—Bandidos! Como já não teem mais nada em que fazer a sua limpeza, querem agora limpar a agua. Isto nem ao diabo lembra. Lavar a agua! Isto só na minha terra! Quem lhes ensaboasse tambem o juizo . . .

A esposa, n'um aplauso a tão justa indignação, aventurou que *Eles* deviam ser ao menos obrigados a fornecer, por exemplo, aos consumidores, agua das Lombadas em garrafas de litro.

— Lambadas é que eles precisavam —trovejou o Inocencio—lambadas, mas em garrafões de 5 litros.

Porem, com tantas comoções, o Inocencio, cada vez menos Calado, começou a sentir-se mal e foi consultar um medico.

Este, após demorado exame, declarou-lhe:

—O sr. deve ter um calculo no figado.

—Ora calcule, murmurou o Inocencio alarmadissimo.

—Não ha duvida, o dr. tem uma pedra.

—Efectivamente eu já andava com a pedra no sapato . . .

—E tambem não tenho duvidas que que o dr. tem areia . . .

—Mau, Snr. Dr., eu não admito . . .

Renunciou por fim á sua admiração.

— Areias na bexiga; mas com tratamento d'aguas isso cura-se. Curia, Curia é o que o dr. precisa.

—Então isto curia-se, quero dizer, cura-se, dr.?

—Sim, não é nada de gravidade e com tratamento aturado, um mez de aguas, melhora com certeza.

—Não é então nada de gravidez, digo, de gravidade? tornou o Inocencio, ainda perturbado.

—Não, que ideia; mas deve tratar-se a tempo.

* * *

E o Inocencio foi imediatamente com a familia para a Curia. Como era por causa da areia levou toda a familia. Instalou-se no Palace e ao chegar, perante a grandiosidade do hotel, o Inocencio, decerto por influencia da pedra que trazia no figado, ficou petrificado.

A amplidão e o luxo requintado do Hall e dos Salões, a vastidão do edificio, a extensão dos corredores ricamente alcatifados, o ascensor moderno e sumptuoso, o aspecto confortavelmente civilizado de hotel digno de estar na Europa, calaram profundamente no animo do Calado.

Logo nesse dia assistiu a um jantar á americana e perante a exibição das varias peliculas cinematograficas, algumas com aspectos do proprio hotel e das suas festas, perante a alegria, o movimento, os efeitos de luz do salão de festas, o conforto geral, perfeito, o ambiente civilizado, o Inocencio sentiu que qualquer coisa de extraordinario se passava no seu intimo, que aquele estado de semi-barbarie em que tinha vivido até então estava prestes a dissipar-se e que um outro Inocencio, muito pouco Inocencio, surgia, tomava alento, avultava para a vida e para a civilização.

Efectivamente ao fim de oito dias o Calado com outros habitos, outros costumes, mais polido, envernizado, parecia outro.

E dia a dia começou a sentir que a familia tambem se modificava por uma forma sensivel.

A filha mais velha, menina muito prendada e culta, já doutorada em foxtrot e caloira em Charleston, que viera n'um estado lastimoso, magra, olheirenta, num estado verdadeiramente decadente, por causa d'um cadete de artilharia, parecia outra.

Poucos dias depois, perante o olhar d'um alferes, mestre na arte de bem dançar em toda a sala, a lembrança do cadete desvaneceu-se. O seu amor subiu logo de posto.

Foi nesse momento que o Inocencio, até então sceptico acerca dos efeitos

...declarou então solenemente...

das aguas medicinais, pela primeira vez notou os seus maravilhosos resultados.

. . . Na verdade, o efeito radioactivo da agua atravez do olhar apaixonado d'um garboso oficial que já estava a tratar-se ha quinze dias foi surpreendente.

* * *

Inocencio começou mesmo a notar que a sua propria sogra se tomava d'uma amabilidade absolutamente imprevista e que ele nunca sonhara ver brotar n'um temperamento tão explosivo.

Perdera as varias manias que tinha, os imensos motivos de queixa que sempre tivera do genro e, cumulo dos cumulos, chegou a descobrir-lhe qualidades apreciaveis.

Inocencio estava desvanecido e ao mesmo tempo espantado de tão colossal metamorfose.

E a tal ponto chegou esta mudança e se evolumou a inesperavel ternura pelo genro, que, uma vez, á mesa, quando a esposa do Inocencio o aconselhava a tomar a Tricalcine que habitualmente ingeria a todas as refeições, a sogra, n'um rasgo de solicitude imprevista, lembrou cuidadosamente:

— Não, filha, acho melhor não tomar. Ele tem pedras no figado, areias, e se vai agora tomar cal é capaz de arranjar alguma obra nos intestinos . . .

—É verdade, concordou o Inocencio, com pedra e cal, e areia, pode nascer algum edificio no interior . . .

— É claro, tornou ela, é um perigo, não consinto.

Tantos cuidados, tanto carinho comoveram o Calado, que chorou então enternecido, após um osculo de gratidão, carinhosamente deposto na fronte da sua cara, da sua carissima sogra.

Ainda comovido, o Inocencio, que em si proprio sentia profundissimas mudanças, perante tantos factos que o convenciam do efeito maravilhoso das aguas e da influencia enorme exercida pelo ambiente que o cercava, declarou então solenemente:

—Minha pesadissima, queria dizer, minha prezadissima sogra, em vista dos incontestaveis resultados por todos obtidos, declaro que nunca mais deixaremos de vir todos os anos fazer o mesmo tratamento. Porque já concluí que o nosso mal, o que efectivamente, todos nós tinhamos... era muita areia.

AUGUSTO CUNHA

JULIO DE CASTILHO, (discurso) e VIDA MISERAVEL—por Azevedo Neves.

Em opúsculo, publicou o sr. dr. Azevedo Neves o discurso, tão honroso para o sabio professor como para o homenageado, que proferiu em sessão da Camara Municipal, chamando a atenção dos vereadores para a memoria de Julio de Castilho, o grande descritor da Lisboa Antiga. Em prosa elevada e brilhante, o dr. Azevedo Neves defende uma ideia carinhosa, digna do seu espirito de sabio e de artista.

«Vida Miseravel» é o titulo duma brochura em que o mesmo ilustre professor reuniu alguns artigos publicados nos jornais e tendo de comum o assunto, que é o exame de varios aspectos de tenebrosa miseria e de repugnante degradação moral que, longe de se esconderem ao menos nos bastidores deste scenario lindo de Lisboa, «Jardim da Europa», se patenteiam por essas ruas e por esses lares...

Tereza LEITÃO DE BARROS

VARIA

N.º 9 — 2.ª SERIE	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME	19 SETEMBRO 1926

DR. FANTASMA

Apuramento do n.º 3 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BAGULHO

N.º 6 — 5 Votos

N.º 2 de D. SIMPATICO. . . . . 2 votos
N.º 3 de LORD DÁ NOZES . . . . 1 »
N.º 4 de YOLITA . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

D. GALENO, (da T. E.), DROPÉ, (da T. E.), JAMENGAL, MAMEGO, MARIANITA.

Com 13 decifrações (TOTALIDADE)

QUADRO DE MERITO

AULEDO, D. SIMPATICO (11), LORD DÁ NOZES (10), VIRIATO SIMÕES (6)

DECIFRAÇÕES

1—caracu, 2—*ardôr*, 3—*comedido*, 4—*flautado*, 5—talco, 6—*LUDIBRIOSO*, 7—diafana, 8—diacho, 9—quarto redondo, 10—zeloso, 11—abavia, 12—tomba-lobos, 13—serradura.

PRODUCÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.os 9 e 11, respectivamente de MARIANITA E AFRICANO, com 6 decifradores cada uma.

CHARADAS EM VERSO

(Agradecendo a todos os colaboradores desta secção que me dedicaram os seus trabalhos)

(excluida da votação)

1
De regresso da minha cura de ares,
Rosto anafado, côres prazenteiras,
Depois de visitar muitos logares,
Tratando-me com águas... de Colares
Cá estou, p'ra mais um ano de canceiras.

Pouca saude... Resolvi partir.
E fui aos ares p'ra Tomar... combolo,
Estive, vai não vai, p'ra desistir;
Verifiquei, porém, que tinha de ir,—4
P'ra voltar forte e são como um saloio.

O hotel, um dos melhores lá da terra,
Era bom, mas entrava na algibeira.
E, por dif'rentes vezes, fui á serra,
Porque a creada, uma velhota perra,
Dava-me só, pão de segunda... feira!...

Venho melhor. Não tenham *compaixão*...—1
E, a todos com quem nesta secção trato,
Agradeço, de todo o coração,
As palavras gentis de saudação,
De que serei eternamente, *grato*.

Lisboa — DR. FANTASMA

2
Só *inveja* a minha sorte,—2
Quem *julga*, talvez, que passo—1
Vida farta e me atribui
Certa *fama* de ricaço.

Lisboa — BAGULHO

(Ao Camarão)

3
Seca bem essa farpela,—3
Que tens o corpo molhado...
Não tenhas *compaixão* dela'—1
Oh, homem tão *exaltado*!..

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

4
Fui, com *rumo* até Cacilhas,—2
No domingo passear;
Mas tive grande *aflição*,—1
Ao ver que dum trambolhão,
Um *passageiro* ia ao mar...

Lisboa — JAMENGAL

CHARADAS EM FRASE

5 Aquele que se *elogia* a si proprio, *cai* no ridiculo: é um *fanctacioso*.—2—2

Cascais — ANELE

6 *Em* relação ao que consta, creio que *sôa* a hora do *duelo*.—1—2

Lisboa — AVIEIRA

7 Com o *lucro* que teve, *julgo*-o bem *disposto*—1—2

Lisboa — CALTAR

8 *Põe* na rua, com *energia*, essa *pessôa desordeira* !—2—2.

Lisboa — CAMARÃO (O. E. L.)

9 A *mulher* dequele *senhor* que ali vai foi, outr'ora, minha *namorada*.—2—1

Lisboa — D. GALENO (T E.)

10 Não sei porque *zomba* do »*apelido*», se não *oferece* motivo para *gargalhada*—1—1—1

Lisboa — DOIS PRINCIPIANTES

11 Não ha *povoação* que *não* tenha a *sua mulher dissoluta*.. —2—1

Lisboa — LORD DÁ NOZES

(A' ilustre confreira MARIANITA)

12 *A mim*, só uma má *cabeça* me poderá fazer pêrder a *cabeça*. —1—2

Lisboa — MAMEGO

13 Está sempre *de bom modo*, o *rendeiro* do *beneficiador*.—1—2

Castelo Branco — MANÈ BEIRÃO

14 Numa *floresta virgem*, puzeram *cêrco* a um *mestiço*.—2—1

Lisboa — MARIANITA

15 *Muito* gosta o *avô* do *velho*!—2—1

Lisboa — REI DAS FERAS (F. A. F.)

16 E' *pela* dizer que; num «*rio de Portugal*», se tenha banhado a *deusa dos romanos*.—2—2

Porto — REI DO ORCO

17 Da *execução pratica duma ideia* sai, com *sucesso*, uma *obra de arte*.—2—2

Lisboa — SATURNO

(Ao ilustre charadista Rei do Orco)

18 Foi com um *pano grosseiro* que o *senhor* cobriu o seu *menino*?—2 1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

CORREIO—(Resposta a correspondencia recebida desde 5 até 12 do corrente).

D. GALENO.—Que faça boa viagem e tenha explendidas ferias lhe deseja o seu confrade e amigo.

DOIS PRINCIPIANTES.—Recebi tudo. Muito obrigado. Para principiantes já é alguma coisa. Rogo a fineza de, para o futuro, enviarem os seus trabalhos em papeis separados bem como as listas de decifrações

MANÈ BEIRÃO.—Recebi tudo. Agradeço.

REI DAS FERAS, REI DOS URSOS.—Se não é indiscreção, muito me obsequeiam explicando-me a significação das iniciais F. A. F.

VIRIATO SIMÕES.—Muito obrigado, por tudo.

DR. FANTASMA

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 86

HORIZONTAIS — 1 amar, 2 trem, 3 amora, 4 assar, 5 bom, 6 sal, 7 gra, 8 ironico, 9 doces, 10 matai, 11 ares, 12 bois, 13 la, 14 toada, 15 s. c, 16 borroco, 17 s. t., 18 sabão, 19 d. d., 20 som, 21 dar, 22 cão, 23 amada, 24 actor.

VERTICAIS — 1 amo, 25 momice 26 ar, 21 rasos, 2 talim, 28 r. s., 29 esgoto, 30 mar, 37 rabiscadór, 3 abadalassa, 4 alim, 32 an, 33 restos, 34 cabaco, 35 ora, 36 ais, 37 barba, 38 orada, 39 doara, 40 tom, 41 ma.

PROBLEMA DE HOJE

Original do nosso brilhante e assiduo colaboradôr VISCONDE DA RELVA.

HORISONTAIS —1 homem muito rico, 6 chave, 12 multidão, 14 enigma, 16 antiga moeda romana de cobre, 18 estar, 19 abundancia, 21 pois, 22 «letra grega», 23 riso, 25 «homem», 28 suburbios de cidade, 29 actividade, 31 «terra portugueza», 33 ingrata, 34 passeava, 35 elogio, 37 o mais, 38 ala, 39 negro, 41 alisar, 43 aparecer, 44 «mulher», 45 descoberta, 47 salva, 49 volta, 52 o, 54 «animal», 55 «mulher», 57 «nota», 58 «nota», 59 «mulher», 62 que só aparecem de dia, 65 alguma, 66 ciganas, 68 serve, 69 igual. 70 descobre, 71 «manto real», 72 do que, 74 especie de vinho francês no Marne, 75 mulher muito formosa, 77 prata, 79 findara, 80 apetecida.

VERTICAIS—2 «arvore de Damão», 3 vim, 4 amarrar, 5 «animal», 7 sobre, 8 «homem», 9 rochedo, 10 milha maritima, 11 firmamento, 13 coração, 15 zelozas da sua honra, 17 continue, 19 generoso, 20 bela, 22 prêsa, 24 «nota», 26 «nota», 27 com, 28 figura, 30 sal, formado pela combinação do acido nitrico com uma base, 32 embelezar, 36 estilo. 39 «quadrupedes», 40 remoinho na agua, 41 peixe de Inglaterra e França, 42 caminho, 46 soba, 48 dorso do boi, 50 encobrir, 51 molestais, 53 noticia, 55 que é de bronze, 56 reprova, 58 mulher formosa, 60 progredia, 61 combinacão de proposição e artigo, 63 morria, 64 sincero, 67 três letras de um «mapa», 70 servir, 73 escolhe, 75 «nota», 76 maneira de apresentar-se, 77 descobri, 78 movimento.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, DOIS PRINCIPIANTES, DOIS TORREJANOS, DROPÉ (da T. E.), MENINA XO, NONO, NOS, REI ABSOLUTO, RUPECA, SPARTANUS

CORREIO

MENINA XÓ.—E' com o maximo prazer que registo a reaparição de V. Ex.ª Quando tenho a honra de publicar mais um problema de tão ilustre colaboradora?

NÓS.—Muito obrigado pelas felicitações. Mandem sempre.

PAUSANIAS.—Pode entrar. O problema sairá num dos proximos numeros. Quanto a diccionarios, todos são poucos. Quanto mais enriquecer a sua biblioteca, melhor. Sempre ao seu dispôr.

REI ABSOLUTO.—Muito obrigado pelos elogios que, tão injustamente, me tem dispensado. «Isto» vai um pouco melhor.

TEMISTOCLES.—Leia o que digo a «Pausanias». Se não estou em erro são muito conhecidos. . .

DR. FANTASMA

Uma noite em Madrid

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

lar. Chegam me aos ouvidos as palavras Carcel Modelo. Estremeço. Vejo que se forma uma escolta. Atravesso entre carabineiros a gare, sob o olhar desprezivel da multidão. Apenas alguem corre para mim: E' Carmencita!

—¿Sus acuarelas?

—Para quê?

—Con ellas se pondrá usted en libertad!

E correu com um album para a casa da guarda. Via-a gesticular e desdobrar o livro. Os meus desenhos iam prendendo a atenção. Vi algumas expressões de admiração. Tombara já a noite, a minha primeira noite de Madrid..

. . . .

—Puede usted marchar-se!

—Que se vá usted com Dios!

As minhas aguarelas tinham-me liberto.

Na ausencia de todos os nossos diplomatas, Carmencita foi ministro plenipotenciario . . .

Varia

A VIDA AVENTUROSA DE RUDOLFO VALENTINO

Este Rudolfo Valentino, que morreu agora e foi um "belo fatal", que morreu riquissimo e teve um enterro de apoteose, antes de ser actor de cinema, teve uma vida aventurosa como a de nenhum dos herois que encarnou. Era napolitano, e ainda muito novo vagabundeava, sem eira nem beira, pelas ruas de New-York. Cansado de correr atrás da Fortuna, regressou a Napoles, onde vivia sua pobre mãe, viuva dum companheiro de Garibaldi, morto na guerra da unificação italiana. Rudolfo recebeu as economias de sua mãe e partiu para Veneza, onde comprou uma gondola. Passava todo o dia trabalhando e á noite, sobre as aguas misteriosas dos canais, banhadas de luar, cantava numa boa voz de tenor, chamando á janela alguns olhos femininos que involuntariamente fascinava. Uma noite, uma dama bela e elegantissima, que acabava de deixar num hotel, mandou-o chamar... Em pleno idilio, Rudolfo e a dama de Veneza percorreram quási tôda a Europa, bailando nos principais *cabarets* da França e da Alemanha. Nelly, a bailarina russa, e Rudolfo Valentino, o gondoleiro, formaram a "parelha" de baile *Nelly e Rudolfo*, que deu brado, nêsse tempo.

Rudolfo Valentino, vagabundo, gondoleiro, bailarino e «az» do cinema.

No entanto, as novidades artisticas iam pondo fim ao idillio e provocavam a separação. Rudolfo, desconsolado, entregou-se á ociosidade, gastando a fortuna que já ganhara. Partiu para o Far West americano onde, por simples diletantismo, se dedicou ao "sport", tornando-se dextro em todos os exercicios de equitação, caça, saltos, etc.

Cansado de não fazer nada, voltou a bailar o tango argentino, nos *cabarets* de New York, a cidade que o vira misero e vagabundo. Foi num *cabaret* que o desencantou o celebre *metteur-en-scène Rex Infram*, que o contratou para "filmar".

Com a pelicula *Os quatro cavalos do Apocalipse*, extraida do romance do Blasco Ibañez, ficou consagrado o talento histriónico de Rudolfo Valentino, que passou a ser um dos grandes azes mundiais da cinematografia.

Contratado pela *Famons Player Lasky*, filmou dezenas de peliculas, e entre outras *O direito de amar, O jovem Rajah, A dama das camelias*, etc. O fluido de simpatia que o popular actor emanava era imenso. Conta se que, quando filmava a pelicula «Monsieur Beaucaire», obra prima da cinematografia moderna, as comparsas não representaram e antes viveram a scena de deslumbramento causado nas damas da côrte pela entrada de Beaucaire, papel desempenhado por Rudolfo. Para que as figurantes tomassem a expressão desejada —uma expressão de encanto e extase de amor e paixão—bastou que o director de scena, o snr. Olcot, pedisse a Rudolfo Valentino que cantasse á guitarra uma das suas trovas venezianas...

Rudolfo não foi feliz no seu primeiro casamento, tendo que se divorciar e pagando á mulher, como indemnização, uma quantia fabulosa.

Por uma questão com a *Famons Player* deixou temporariamente o cinema e voltou ao *cabaret*, onde conheceu a sua segunda esposa, Natalia Rambowa, uma desenhadora por quem ele se apaixonou, a ponto de se resolver a fazer dela sua mulher. Ensinou-lhe a arte de bailar e com ela chegou a ganhar 6000 dolares por semana, ou seja a bagatela de 120 contos de reis, aproximadamente. Instalaram-se depois, graças á fortuna obtida, numa linda vivenda de Hollywood, chamada Whilley Terrasse, adquirindo tambem o esplendido rancho de Palm Spring.

Rudolfo levantava-se ás 6 horas da manhã, todos os dias, excepto ao Domingo. Passava duas horas com o seu treinador, entregue a exercicios ginasticos. Em seguida, dedicava longas horas ao estudo do «maquillage», em que foi mestre. Depois vinham umas dez ou doze horas de trabalho—ensaios e filmagem. Sua esposa Natacha e os seus cães—dois *dogs* italianos e o celebre cão policia *Drusus*—foram, até ha pouco tempo, todas as paixões de Rudolfo Valentino.

Com sua mulher fazia ao domingo longas excursões pelos arredores de Palm Spring, montando riquissimos cavalos brancos, que pertenceram ao imperador Carlos de Habsburgo. Mas a felicidade conjugal do celebre actor durou pouco e, em maio deste ano, encontrava-se Rudolfo em Paris, tratando do seu segundo divorcio.

Quando a morte agora o vitimou, com um prosaico ataque de apendicite, Rudolfo já estava na America e em vesperas de casar com Pola Negri, a bela polaca que se deixara prender pelo olhar expressivo do esbelto galã.

Uma das últimas fotografias de Rudolfo Valentino. A' esquerda: a bela actriz cinematográfica Mae Murray e o principe David Dwixni de Georgia, ao sair do templo, depois do seu casamento em Los Angeles. A' direita: Pola Negri e Rudolfo Valentino, padrinhos do casamento, e que tambem iam brevemente contrair matrimónio.

DAMAS

Solução do problema n.º 86

	Brancas	Pretas
1	21-25	29-22
2	10-14	19-1
3	14-17	22-13-6
4	3-7	a 11-8
5	4-11	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 87

Pretas 3 D e 3 p.

Brancas 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 85, os srs.: Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), Neulame, Olpila, Um principiante (Carvalhos), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. José Magno (Algés).

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 87

Por W. Meredith

Pretas (5)

(Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 85

1 T D. 2 B, B × T; 2 C D. 4 R etc.

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Vicente Mendonça eMaximo Jordão.

O XADREZ E A MUSICA

São em numero avultado os amadores de xadrez que se salientaram como musicos. Um dos nossos mais distintos xadresistas, o Dr. Antonio Joyce, ha muito que se celebrisou na divina arte do som. Por via de regra, egualmente, o amador de xadrez, é amador do musica; são bem bonhecidos, em toda a parte, os adversarios que não empurram o madeiro sem que acompanhem o gesto do trauteio apropriado, indo da fanfarra alegre—prenuncio de ataque vivo—á marcha funebre que anuncia o mate proximo.

Tarrasch, assobia de cor o monologo de Wotan sem falhar uma nota; Steinitz nunca analisava uma posição dificil, que não mimoseasse a assistencia com a marcha do Tannhauser. A respeito do malogrado campeão do mundo refere-se um dito picante do grande Wagner; tendo-lhe dito alguem que Steinitz era um dos seus maiores admiradores, o mestre retorquiu-lhe: muito gentil da sua parte; temo porem que esse Steinitz comprenda tanto a musica com eu o xadrez!

Por aqui se vê que Wagner não fôra iniciado na maçonaria do trebelho . . .

ACTUALIDADES GRAFICAS

AO POLO NORTE EM AIVÃO!

Sob a direcção do comandante Byrd, uma missão americana voou pela primeira vez sobre o Polo Norte. O avião nos ice-field da sua base de Spitzberg.

A primeira fotografia do Polo Norte, campo razo de desolação, que imprevistamente vem desfazer as suposições mais ou menos teoricas que sobre ele teem sido feitas...

VISITAS MINISTERIAIS

O sr. ministro da Agricultura aprecia de visu o progresso das propriedades rurais. Na ultima visita sua a uma quinta da Estremadura serviu-se deste meio de transporte, que não se pode dizer que não esteja a caracter...

MOVIMENTO DIPLOMATICO

A partida do Sr. Embaixador de Espanha, nomeado recentemente para o mesmo lugar em New-York. Alem do elemento oficial despediram-se do ilustre diplomata as creanças do Instituto de beneficencia espanhola, que ele protegeu com carinho.

NA CURÍA

A cerimonia do assetanmento da primeira pedra para a capela do Palace Hotel, que decorreu brilhantissima, com uma enorme assistencia.

NA CURÍA

Um jantar á americana no magnifico Palace Hotel, um dos melhores da Peninsula, e que tanto contribuiu para o bom nome da celebre estancia.

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAIS DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000,000$00	ESC. 24:000,000$00	ESC. 34:000,000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda. Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA:—Nova Goa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA:—Macau.
TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES DO ESTRANGEIRO

PEÇAM

ESTRELLA

A melhor

das cervejas

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

"LINFATINA"

Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «LINFATINA»—Nobre Sobrinho.

DEPOSITO

Teixeira Lopes & C.ª Ltd.

45, Rua de Santa Justa, 4.º
LISBOA

Grande Ourivesaria Joalharia

DE

JOAQUIM NUNES DA CUNHA

Rua da Palma, 100 a 106 e Rua Martim Moniz, 27

Telefone N. 2924

Grande e variado sortimento de joias em todos os estilos, antigas e modernas com ou sem pedras preciosas e pratas artisticas, que vende barato. Compra por alto preço, brilhantes grandes, esmeraldas, safiras e rubis orientaes e perolas. Moedas antigas em ouro e prata. Cautelas dos Montepios Geral e Comercial, e tudo que seja antigo na Ourivesaria. — CUNHA DAS ANTIGUIDADES.

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos

O Cego da Boa Vista

BARROS & SANTOS

RUA DO OURO, 234 A 242

ENORME SORTIDO DE
ARTIGOS DE CAMISARIA
TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA
ATOALHADOS, MALAS
E ARTIGOS DE VIAGEM
CHAPELARIA, ETC., ETC.

SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

As furnas de Monsanto

No verão, como no inverno, as pitorescas furnas são antros onde se refugia, a par de muita miseria, muita gente que só vive do crime. Oxalá a policia consiga depressa dar destino a uns e outros, restituindo definitivamente as furnas a um simpatico e salutar silencio...

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração Thomaz Colaço, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Lino Ferreira, Leitão de Barros, etc.